

**Género, pesca e aquacultura: Capital social e
conhecimento para a transição para um uso
sustentável dos ecossistemas aquáticos**

Stella B. Williams

Obafemi Awolowo University, Ile Ife, Nigéria

Annemarie Hochet-Kibongui

Cultures Croisées, Paris, França

Cornelia E. Nauen

International S&T Cooperation, EC, Bruxelas, Bélgica

As designações utilizadas e o material apresentado nesta publicação não implicam a expressão de nenhum tipo de opinião por parte da Comissão Europeia relativamente ao estatuto legal de qualquer país, território, cidade ou área ou das suas autoridades, ou relativamente à delimitação de fronteiras ou limites.

Os direitos de autor pertencem à Comissão Europeia. No entanto, é concedida a permissão de reprodução de todo ou parte do documento para actividades educativas, científicas ou com objectivos relativos ao desenvolvimento, excepto aqueles que envolvam a venda comercial por qualquer meio, desde que: (1) seja incluída a citação completa da fonte; (2) a Direcção Geral da Comissão Europeia seja notificada por escrito (European Commission, Directorate General for Research, International Relations, 8 Square de Meeûs, B-1049 Brussels, Belgium).

As cópias estão disponíveis gratuitamente mediante solicitação (Information Desk of the Directorate General for Research, International Relations, 8 Square de Meeûs, B-1049 Brussels, Belgium; e-mail: inco@cec.eu.int). O relatório e uma mais completa selecção de contribuições individuais para a sessão de trabalho podem igualmente ser obtidos em formato pdf a partir do sítio Internet do cordis em: http://www.cordis.lu/inco/fp5/library_en.html

Série de relatórios de Investigação da Pesca ACP - União Europeia –

Os relatórios de Investigação da Pesca ACP - União Europeia são uma série de publicações com o objectivo de partilhar informações sobre o desenvolvimento da iniciativa de Investigação da Pesca pela União Europeia - ACP e as suas conclusões gerais a fim de maximizar o impacto das suas actividades. Estes incluem actas de sessões de trabalho e reuniões, declarações sobre política e actividades de investigação desenvolvidas sob tal iniciativa. De facto, um número crescente de relatórios transcende o quadro restrito da cooperação bi-regional UE-ACP em ciência e tecnologia, em conformidade com a natureza global das questões tratadas.

Informações adicionais sobre a União Europeia estão disponíveis na Internet. Podem ser obtidas através do sítio Internet <http://europa.eu.int/>.

Resumo

O contexto de degradação maciça dos ecossistemas aquáticos largamente desencadeado pelo sector pesqueiro, com desafios socioeconómicos e indicações contraditórias da aquacultura, que mostra taxas de crescimento elevadas, mas apresenta alguns segmentos de insustentabilidade, levanta a questão de como as mulheres podem contribuir, na pesca e na aquacultura, para a transição para a sustentabilidade através da restauração da produtividade perdida. A evidência empírica sobre os papéis das mulheres em todos os continentes mostra modelos de trabalho não remunerado e não reconhecido que obscurece os sinais económicos de aumento de rarefacção dos recursos. Historicamente, as mulheres têm sido associadas à conservação dos recursos e incluídas em sistemas de crenças tradicionais que foram progressivamente degradados. Onde o reconhecimento social é alcançado, através, por exemplo, da aplicação de legislação moderna de igualdade de oportunidades – nomeadamente quando combinada com o acesso ao ensino convencional e técnico - as mulheres recuperam capacidades para a organização e liderança social. Isto pode levar a contribuições significativas para a restauração dos recursos naturais. É proposto um método participativo para tornar visível o papel das mulheres e para possibilitar o desenvolvimento de uma organização socioeconómica que apoie a justiça social e o uso sustentável dos recursos. Leituras suplementares e fontes seleccionadas da Internet destinam-se a ajudar os leitores a tomar medidas práticas de acompanhamento.

Agradecimento: Os editores desejam realçar que este relatório resulta do trabalho conjunto dos participantes e contribuintes para uma sessão de trabalho homónima reunida pelo programa de cooperação internacional de Ciência e Tecnologia, em Bruxelas, **de 9 a 10 de Dezembro de 2002**. Os participantes foram, por ordem alfabética: **Anthony Kutu Acheampong**, especialista PCM, UK; **Alpina Begossi**, Museu de História Natural, Brasil; **Elizabeth Bennett**, IDDRA, UK; **Gloria Cabrera Socorro**, Espanha; **Serge Collet**, University of Hamburg, Alemanha; **Maria Douka**, EC-DG Research, Bélgica; **Katia Frangoudes**, Université de Bretagne Occidentale, França; **Béatrice Gorez**, CAPE, Bélgica; **Anne-Marie Hochet-Kibongui**, Cultures Croisées, França; **Mecki Kronen**, Secretariat of the Pacific Community (SPC), Nova Caledónia; **Maria Cristina Maneschy**, Universidade Federal do Pará, Brasil; **Kathleen Matics**, Mekong Basin River Commission (headquarters moved to Vientiane, Lao PDR); **Modesta Medard**, Lake Victoria Fisheries Research Project (now WWF-East Africa), Tanzânia; **Cornelia E. Nauen**, EC-DG Research, Bélgica; **Corina Popa**, anteriormente EC-DG Environment, Bélgica; **Chandrika Sharma**, International Collective in Support of Fishworkers (ICSF), Índia; **Margarita Velazquez**, México; **Stella B. Williams**, Obafemi Awolowo University, Nigéria. Os contribuintes que não puderam participar na sessão de trabalho foram: **Maurizio Bentivegno**, anteriormente EC-DG Fisheries, Bélgica; **Patience B. Browne**, Save Humanity Foundation (SHUF), Serra Leoa; **Maria A. Gasalla**, Instituto de Pesca, Brasil; **Brenda Grzetic**, Canadá; **Begoña Marugán Pintos**, Instituto Social de la Marina, Espanha; **Aliti Vunisea**, SPC, Nova Caledónia. Intercâmbio e análises continuaram através de meios electrónicos após a sessão de trabalho, levando a esta síntese mais refinada, organizada pelos editores em interacção com os contribuintes. Gostaríamos de aproveitar esta oportunidade para agradecer a todos estes colegas que interagiram construtivamente, que foram generosos com os comentários críticos, sugestões e conselhos e que forneceram apoio nas correcções finais para produzir inicialmente a versão em inglês, a qual está a ser traduzida para outras línguas.

Para efeitos bibliográficos este relatório deve ser citado da seguinte forma:

Williams, S.B., A.-M. Hochet-Kibongui & C.E. Nauen (eds.), 2005. Género, pesca e aquacultura: Capital social e conhecimento para a transição para um uso sustentável dos ecossistemas aquáticos. Bruxelas, *ACP-EU Fish.Res.Rep.*, (16):31 p. ISSN 1025-3971 / EUR 20432

Índice

Género, pesca e aquacultura: Capital social e conhecimento para a transição para o uso sustentável dos ecossistemas aquáticos

1. Introdução.....	1
2. Contribuições e resultados dos estudos de caso	5
3. O que pode ser aprendido dos estudos de caso e outras evidências disponíveis?	20
4. Orientações	25
5. Referências	28
6. Fontes seleccionadas da Internet	31

É favor notar que esta é apenas a versão portuguesa do relatório – a edição final conterà quatro versões linguísticas: Inglês, francês, espanhol e português.

Revisão da Tradução para o Português: **Patricia Zahorcsak e Alpina Begossi**

1. Introdução

Em 1990, de um total de 27,8 milhões de pessoas empregadas globalmente em pesca e aquacultura, quase 12 milhões de pessoas (43%) eram pescadores em tempo integral, de acordo com a definição utilizada pela FAO (pescadores que obtêm pelo menos 90% da sua subsistência da pesca ou do cultivo aquático); outros 10 milhões de pessoas obtinham entre 30 e 89% da sua subsistência a partir destas actividades, enquanto que o restante estava apenas ocasionalmente envolvido nelas. Isto equivale a aproximadamente 37,8 milhões de pessoas (estimativa de 2002), representando 2,8% das 1,33 biliões de pessoas economicamente activas no sector agrícola no mundo inteiro. Em 1990, a estimativa era de 2,3%.

A produção global aumentou de cerca de 65 milhões de toneladas (GT) de peixes, ou 5 GT/pescador/ano em 1970, para um valor em torno de 98 milhões GT em 1990, ou 3,4 GT/pescador/ano. Com base na correcção de uma análise estatística que super enfatizava a produção chinesa (Watson & Pauly, 2001), a produção em 1990 era mais próxima da GT de 85 milhões ou 3 GT/pescador/ano.

Grande parte do aumento na quantidade de empregos nos anos 80 (72% do aumento de actividades aquáticas) foi atribuída ao crescimento do cultivo aquático, particularmente na Ásia. Pescadores asiáticos e agricultores aquáticos aumentaram de 77% do total global em 1970, 84% em 1990 (dos quais 9 milhões na China, quase 6 milhões na Índia e 4 milhões no conjunto formado por Vietname, Indonésia, Bangladesh e Filipinas) para 32,8 milhões em 2002. O número de pescadores africanos, na maioria do sector em pequena escala, aumentou 37% para 2,6 milhões em termos absolutos em 2002, mas diminuiu de 10,4% para 6,5% em termos globais. Em 1990, 95% dos pescadores e dos agricultores aquáticos de todo o mundo pertenciam a economias emergentes e em desenvolvimento. Nos países industrializados, que oferecem alternativas profissionais, os números decaíram ou, na melhor das hipóteses, mantiveram-se estacionários. A idade da mão-de-obra na pesca está a aumentar, com os trabalhadores mais jovens (com menos de 40 anos de idade) nas indústrias pesqueiras marinhas em 2002 reduzidos a metade para 12,1%, relativamente a 1982 (FAO, 2004).

Durante o mesmo período, a extensão da pesca alcançou proporções alarmantes, embora a tonelagem agregada da frota global acima de 100 GT, tal como registrada na base de dados do serviço de informações marítimas da Lloyd, tenha começado a diminuir em 1993 e mantendo-se agora estável em redor de 12,7 milhões GT (FAO, 2004). A FAO calculou que mais de 3,5 milhões de embarcações de pesca foram operadas globalmente nos primeiros anos do século 21. Nesta categoria, embarcações industriais e um grande número de pescadores costeiros em pequena escala competem directamente pelo super-explorado e reduzido suprimento de peixes nos oceanos e mares de todo o mundo.

Calcula-se que a biomassa de grande parte das unidades populacionais de peixes exploradas e os seus ecossistemas, que suporta actualmente a pesca no Atlântico Norte, onde a pesca industrial se desenvolveu há mais de um século, se limite talvez a apenas cerca de 10% das biomassas do passado (Christensen *et al.*, 2003), quando a pesca industrial estava ainda nos seus princípios e os mercados ainda não eram globalizados. As tendências indicam que as pescarias têm progressivamente capturado indivíduos cada vez mais pequenos de espécies de interesse comercial e como as espécies grandes se tornaram escassas, houve um aumento de interesse pelas espécies mais pequenas, um processo que se tornou conhecido como ‘pescar abaixo na cadeia alimentar marinha’ (Pauly *et al.*, 1998), um fenómeno também observado em água doce.

Enquanto pode ter sido argumentado que pescar em níveis inferiores da cadeia trófica (inferiores na cadeia alimentar) poderia aumentar a produção, os desembarques pesqueiros em todo o mundo demonstram o contrário. Isto porque as espécies individuais são ‘encaixadas’ em redes de interações com outras espécies e geralmente não formam cadeias tróficas independentes de predadores e presas. Consequentemente, as abordagens do ecossistema à gestão pesqueira foram tema em vários fóruns mundiais desde meados dos anos 90, com início no Mandato de Jacarta da Convenção sobre a Diversidade Biológica.

A tendência global da crescente extensão da pesca contra o contexto de redução dos recursos é indicativa da redução dos rendimentos económicos. Contudo, apesar de os preços de venda de peixes terem aumentado, em consequência do aumento da escassez, este aumento não reflecte o verdadeiro declínio como seria esperado num mercado perfeito (Sumaila, 1999).

A produção de aquacultura esteve numa ascensão elevada particularmente durante os últimos 20 anos. A FAO (2004) calcula que, em 2002, representava 29,9% do peso de toda a produção de peixe, com a China sendo de longe o maior produtor.

Apesar de muitas indicações de insustentabilidade aguda ou latente, particularmente na captura pesqueira, muitas pessoas não parecem perceber estes sinais de modo suficientemente claro para mudar, ou podem não ver de que modo estas práticas insustentáveis actuais podem ser modificadas. Poderíamos especular que isto ocorre porque:

- As embarcações industriais modernas, devido aos avanços tecnológicos do GPS para o mapeamento global, parecem ter aumentado as capturas por pescador, frequentemente na ordem de 5 a 20 GT/pescador – o que significa, contudo, que a produção dos pescadores em pequena escala deve ser significativamente menor (como no caso da Índia, por exemplo, menor que 1 GT/pescador).
- A capacidade pesqueira cresceu enquanto as capturas globais diminuíram. Desta forma, a captura por unidade de esforço, medida de várias maneiras (por exemplo, por unidade de combustível, por unidade de capacidade instalada, por tempo no mar), mostra tendências para a baixa. As antigas frotas das embarcações maiores que estão a ser parcialmente substituídas por barcos menores (mas não necessariamente menos eficazes) podem ser uma indicação de tentativas de algum ajustamento à ampla propagação da superexploração.

- A tendência para a pesca mais ao sul e em águas mais profundas, que se segue à sequencial sobre-pesca e esgotamento das zonas de pesca tradicionalmente ricas em áreas mais a norte, frias e temperadas, mascara a escala de diminuição nas mentes de muitos cidadãos. De acordo com uma análise recente por Froese e Pauly (2003), em 83% de 617 conjuntos de dados do Atlântico Norte e do Mar do Norte, a maioria dos peixes era juvenil, uma preocupante confirmação de insustentabilidade.
- Os esquemas de subsídio mascaram os verdadeiros custos de muitas pescarias, especialmente aqueles dos países industrializados com recursos financeiros para fazê-lo, desta forma retardando a resposta da indústria à crescente redução dos recursos (Milazzo, 1998, para uma estimativa parcial conservadora).
- Os preços crescentes de muitos produtos pesqueiros compensam, pelo menos parcialmente, o aumento dos custos na pesca, embora o crescente aumento de custos do combustível, que representa mais de 60% dos custos iniciais das frotas de longa distância, pode tornar esta forma de pesca insustentável menos atractiva no futuro.
- Condições semelhantes parecem desenvolver-se em algumas formas de aquacultura, onde os preços de alimentação tendem a aumentar (por exemplo, para a criação de camarões e de algumas espécies carnívoras de peixes), enquanto os preços finais dos produtos estão ou estáveis ou a diminuir.
- A aquacultura é ainda entendida por muitos como um substituto natural para diminuir a captura pesqueira, o que pode parcialmente ser o caso do cultivo de organismos na base da cadeia trófica, que actualmente constitui a maior parte do cultivo aquático global (FAO, 2004). Contudo, a viabilidade da aquacultura de carnívoros a longo prazo no topo da cadeia alimentar, e que exige grandes quantidades de alimentos (rações e óleos de peixe derivados de espécies pelágicas pequenas directamente comestíveis por seres humanos), foi questionada (Williams *et al.*, 2001), assim como a exactidão dos aumentos de produção na aquacultura relatados nas últimas duas décadas (Pauly *et al.*, 2002).

Entretanto, os custos sociais destas tendências em pesca e aquacultura são elevados. Entre outros efeitos, traduzem-se na incapacidade de populações com baixo poder de compra em manter o acesso contínuo a bens alimentares tradicionais provenientes da pesca. Isto reflecte-se nos balanços alimentares da FAO, sugerindo, por exemplo, uma redução de 9 para 7 kg/pessoa/ano no consumo de alimentos provenientes da pesca em África entre 1990 e 1997. Isto foi igualmente salientado recentemente, em diversas contribuições na Conferência ‘Pesca marinha, ecossistemas e sociedades na África Ocidental: Meio século de mudanças’, que decorreu em Dacar em Junho de 2002 (Chavance *et al.*, 2004).

O mercado, agora largamente globalizado, movimenta produtos pesqueiros e, cada vez mais, a aquacultura para qualquer lugar no mundo onde está o poder de compra, principalmente para a Europa, o Japão e a América do Norte e centros urbanos em qualquer parte no mundo: estas tendências são apenas parcialmente aparentes em médias nacionais. Com os mercados em mente, Froese (2004) sugeriu indicadores simples para permitir que os cidadãos possam fazer escolhas de compra pensando na conservação. De facto o FishBase (www.fishbase.org), a enciclopédia electrónica global de todos os peixes no mundo, facilita uma avaliação rápida do tamanho mínimo para o qual uma espécie de peixe

atinge a maturidade, abrindo assim novas formas de utilizar o melhor conhecimento científico disponível na tomada de decisões a nível individual e social.

O esquema acima descrito da mudança dinâmica na pesca e na aquacultura durante as últimas décadas forma o histórico contra o qual as questões dos géneros em relação à pesca e à aquacultura foram examinadas por um grupo internacional de peritos reunido pelo Programa Internacional de Cooperação Científica e Tecnológica da Comissão Europeia (INCO), de 9 a 10 de Dezembro de 2002. O objectivo da reunião era entender como os diferentes papéis sociais de mulheres e homens na pesca e na aquacultura, numa ampla gama de sociedades humanas, moldaram as suas relações com os recursos básicos, e que direcção deve ser dada no futuro à cooperação científica internacional em ecossistemas aquáticos, para considerar esta dimensão social de uma melhor maneira.

Além disso, a pergunta era como essa investigação poderia dar informações sobre os processos de planeamento e decisão a vários níveis, de forma a promover os objectivos de sustentabilidade. A sustentabilidade implica, entre outros, custos e benefícios dos ecossistemas aquáticos equitativamente distribuídos na sociedade e o fortalecimento da ligação entre o conhecimento e a acção.

2. Contribuições chave e resultados dos estudos de caso

Collet (1991) refez as análises de um conjunto maciço de dados sobre características chave das sociedades pesqueiras e sugeriu uma mudança profunda na classificação das sociedades humanas ao longo de períodos arqueológicos e o reconhecimento do género nas comunidades pesqueiras. Este documento é o ponto de partida para uma nova abordagem científica relativamente à investigação das comunidades costeiras de pescadores e à antropologia marinha em geral. A sua análise mostra como a ausência prolongada dos homens, que saem para o mar ou em excursões de pesca ao longo dos rios, obriga as mulheres a responsabilizarem-se pela casa e pela família. Deste modo, as mulheres empenham-se em grande parte das tomadas de decisões, em contraste com a imagem pública das organizações patriarcais nas comunidades de pescadores.

O género é definido como um papel social baseado nos recursos e responsabilidades de mulheres e homens, no modo como eles se relacionam uns com os outros e com seu ambiente natural. Além disso, estes papéis variam através dos tempos, lugares e regiões, de acordo com diferentes valores, práticas e tecnologias. Estes papéis e responsabilidades sociais são a base para a estrutura e organização, que são utilizadas para mostrar as relações diferenciais de mulheres e homens com o seu ambiente, os seus modelos de utilização de recursos e as suas estratégias.

No entanto, na maior parte das vezes as contribuições e os papéis das mulheres na pesca e na aquacultura são 'invisíveis', no mínimo, porque os sistemas de contabilidade nacionais e as avaliações estatísticas tendem a organizar a informação baseando-se nos dados recolhidos dos 'chefes de família' - automaticamente assumindo como sendo o homem -, independentemente da organização social na respectiva sociedade. Igualmente porque as 'pescarias' são igualadas à actividade da pesca pura e simples, todo o trabalho extra, frequentemente o trabalho das mulheres, permanece invisível e desconsiderado. As polarizações culturais, que são a base de muitas das normas estatísticas internacionais, foram analisadas extensivamente por Evans (1982). De forma a alargar os mapas cognitivos e a fornecer detalhes mais relevantes para sustentar a política e a gestão de recursos, a FAO começou a recolher dados primários de aplicação de papéis sociais desde 1995, mas foi obrigada a fazer muitas estimativas devido aos relatórios inespecíficos fornecidos por muitos dos seus Estados-Membros.

Uma grande série de exemplos, de literalmente todas as regiões do mundo, mostra que as mulheres são activas em todos os segmentos económicos que se ocupam de recursos aquáticos, fornecendo evidências de divisão do trabalho por géneros em agregados familiares ribeirinhos e costeiros, em termos dos papéis e responsabilidades. Além da crescente literatura (por exemplo, ICSF, 2002; Williams *et al.*, 2002), os estudos de caso demonstram as actividades produtivas que são empreendidas por homens e mulheres em agregados familiares, a fim de adquirirem rendimentos em dinheiro e em espécies. Em muitas famílias costeiras na África, Ásia, Europa, América Latina e Pacífico, as actividades

produtivas exercidas por mulheres estendem-se da pesca, ao processamento do pescado, à comercialização, à agricultura e cultura de peixes, à participação nos mercados informais e formais de trabalho e ao emprego governamental.

Seguidamente são sintetizados os pontos-chave dos trabalhos apresentados na reunião ou trazidos à atenção dos participantes para consideração e análise, com ênfase sobre qualquer modelo proveniente de estudos de casos individuais. Muitos dos trabalhos mostram a extensão do envolvimento das mulheres na parte extractiva do sector em vez de na gestão e actividades terrestres de colheita. Estes trabalhos podem ser consultados no sítio Internet do cordis (http://www.cordis.lu/inco2/src/docs_pub.htm).

Transformações socioeconómicas e os papéis dos géneros na pesca artesanal nas Ilhas Canárias, Espanha: o caso de La Graciosa - Gloria Cabrera Socorro

La Graciosa é a mais pequena das Ilhas Canárias (27 km²), sem fontes de água doce e também a última a ser povoada no final do século 19. Naquele tempo, o porto natural de Caleta del Sebo tornou-se um porto bem-vindo de águas profundas para as frotas que exploravam as zonas ricas de pesca próximas da costa noroeste africana. Os camponeses trazidos de Lanzerote para trabalhar na fábrica da ilha durante uma crise económica permaneceram lá e desenvolveram alguma agricultura e pesca costeira após o fracasso do projecto industrial no final do século. Em 1910, 169 pessoas viviam na ilha. No seguimento da guerra civil nos meados dos anos 30, o governo militar construiu apenas a infra-estrutura mais básica. O presidente da câmara, José Toledo, nomeado pouco depois, permaneceu nesta posição durante os 40 anos seguintes, vendo uma população que aumentou para 680 pessoas em 1960 e que permaneceu em grande pobreza.

Acumulando riquezas a partir de uma variedade de actividades económicas, de bens imobiliários, lojas, transporte marítimo e excursões de turistas, restaurantes e apartamentos, ele e a sua família chegaram a possuir 80% da frota de atum a funcionar fora de Lanzarote e 25% das grandes embarcações de sardinhas.

Em consequência da sobrepesca e do uso excessivo dos recursos, nos anos 60 cerca de 30% da população de La Graciosa emigrou para Lanzarote, na maior parte homens e mulheres jovens. Só na segunda metade dos anos 80, com o fim da ditadura, é que os serviços de electricidade e telefone foram trazidos para a ilha. O aumento do turismo em Lanzarote nos anos 90 aumentou o interesse pela beleza da ilha e progressivamente as casas dos pescadores no segundo pequeno povoado de Pedro Barba foram compradas por moradores ricos de Lanzarote. Toda a área da ilha foi então transformada, através da construção do grande complexo turístico Mirador del Río, visando 1 milhão de turistas por ano.

Estas profundas transformações sociais naturalmente produziram efeitos nas relações dos géneros da comunidade pesqueira local. Tradicionalmente, os homens saíam para o mar com embarcações de pesca de longa distância, enquanto que a maioria das actividades terrestres, ganhando o básico para viver e mesmo representando a comunidade durante a visita ocasional de um representante da administração central, era o reino das mulheres num modelo semelhante ao analisado por Collet (1991). A pobreza da maioria das famílias traduziu-se em horas de trabalho infinitas – para os homens no mar e para as mulheres, processando artesanalmente sardinhas e outros peixes, vendendo ou trocando o produto,

trazendo consigo as crianças e assegurando o cumprimento de todas as outras tarefas familiares.

Progressivamente, o papel económico da pesca diminuiu em consequência da sobrepesca e do emprego no sector turístico, que passou a apresentar um rendimento mais estável para as mulheres mais jovens, embora os outros papéis de produção de uma família e da manutenção do agregado familiar tenham permanecido. No contexto económico e governamental, a procura de zonas marinhas protegidas pela indústria do turismo é entendida pelas famílias dos pescadores artesanais como a marginalização final, em vez de uma oportunidade de criar um novo papel socioeconómico para eles. Os pescadores costeiros que restaram não desempenharam um papel na elaboração das suas ideias e experiências, resultando desta forma na perda dos últimos recursos restantes, do rendimento e mesmo do seu estilo de vida.

Mulheres da Galiza modificam estratégia, Espanha – Begoña Marugán Pintos

Em contraste com o contexto da percepção de uma sociedade de risco elevado, que levou à diversificação da pesca na Galiza durante as últimas décadas, diferentes segmentos de frota evoluíram, estendendo-se de (poucos) navios industriais de águas distantes, a (mais) embarcações costeiras ‘artesanais’ de empresas familiares e a (muitos) pequenos barcos costeiros.

As mulheres utilizam estratégias de subsistência em relação à pesca, cultura, economia, aos ecossistemas e à sua sobrevivência futura. Estas estratégias estendem-se desde (1) o papel tradicional como donas-de-casa, mães e esposas de pescadores que apresentam um esforço significativo, mas não financeiramente compensador, para além do apoio afectivo e de trabalho; (2) o trabalho não remunerado em actividades de apoio da pesca, tal como a reparação de redes para o barco da família, o descarregamento de peixes no cais, a venda do pescado capturado, etc.; e (3) a contribuição financeira tanto como trabalhadoras em tarefas de pesca por conta própria (como na colheita de marisco, na confecção de redes e como pescadoras) e como empregadas em fábricas de conservas.

A invisibilidade do trabalho feminino permitiu e continua a permitir que a profissão de pescador possa ser compensadora pelo menos para o custo de ‘modernização’ da Espanha. O mar tem progressivamente menos recursos e assim os pescadores, pagos em acções, ganham cada vez menos. A contribuição de outros membros da família permite aos homens continuar, desta forma apresentando outro caso de sobrepesca ‘Malthusiana’ (Pauly, 1990).

Outro sistema de produção merece a atenção: As *mariscadoras* da Galiza, colectoras de moluscos costeiros, que exerciam uma antiga ocupação extractiva considerada de baixa condição em condições muito austeras. Poucas destas mulheres tiveram acesso ao ensino convencional. A implementação do Programa de Igualdade de Oportunidades e do Programa de Semi-Cultivo promovidos pela União Europeia e pelo governo da Galiza levou a uma mudança de atitude das mulheres no seguimento do acesso à educação e em vários tipos da formação funcional sustentados pelo reconhecimento social conferido pelos programas públicos. Começaram a organizar-se e a cultivar moluscos nas praias. Isto por sua vez levou a um aumento da produção e melhorou a sua condição económica. Hoje em

dia, planeiam colectivamente o ciclo de exploração quase na sua totalidade prestando atenção à sustentabilidade dos recursos costeiros a longo prazo: o processo de sementeira em praias e áreas próximas à margem, a colheita dos recursos e também a venda dos mariscos. Em mais de um sentido, melhoraram claramente o ambiente. Além disso, quando as mulheres começaram a ter a formação apropriada, elas compreenderam que tinham mais direitos nas corporações representativas dos pescadores (*Confradías*) do que o sector tinha reconhecido previamente. Elas compreenderam então que, juntas, poderiam e deveriam igualmente ser representadas no corpo administrativo do *Confradías*. Em consequência desta implementação política, em combinação com regulamentos relativos à conservação de recursos e às medidas de infra-estrutura associadas, em alguns lugares as *mariscadoras* alcançaram inclusivé posições de liderança em *cofradías* tradicionalmente dominadas por homens (Meltzoff, 1989; Marugán Pintos, 2004). Poderia isto ser um modelo para a necessária mudança em larga escala para o uso sustentável dos preciosos recursos marinhos?

Mulheres na pesca na Bretanha - Kátia Fragoudes

A Bretanha é uma região da França que tem tradições de pesca de longa data. Anteriormente e do mesmo modo que em muitas outras regiões, as mulheres foram envolvidas na produção terrestre da indústria pesqueira. Elas vendiam peixes e escolhiam sardinhas e ostras. No passado recente os papéis das mulheres tornaram-se mais diversificados devido à redução do espaço económico para a pesca costeira e ao desenvolvimento de um pequeno número de operações industriais de alta tecnologia. As mulheres tendem agora a envolver-se na gestão de uma empresa familiar, de assuntos bancários e de contabilidade, comunicações, relações de recursos humanos e assim por diante. As mulheres dirigem restaurantes para turistas de verão e estão a ajudar a desenvolver o turismo marítimo na região para compensar o rendimento perdido na pesca, mas gerem igualmente o risco associado ao sector de captura. As mulheres passam cerca de 20-25 horas por semana em actividades terrestres relacionadas com a pesca em alto mar, enquanto 42-54 horas por semana são passadas em pescarias em pequena escala.

Historicamente, participar em actividades pesqueiras era um processo de reprodução social muito característico das comunidades costeiras e da cultura de famílias de pescadores. Proprietários de barcos e membros da tripulação tinham aprendido o trabalho com o seu pai ou um parente próximo. Hoje em dia, atrair jovens para a pesca está a tornar-se um problema na maioria dos lugares em França e em outras partes da Europa. As condições de trabalho, as perspectivas de rendimento e um número crescente de oportunidades para a mobilidade na sociedade contribuíram para esta progressiva perda de atractivos. As mães, mais do que os pais, desempenham um papel chave a impulsionar as suas crianças para um ensino superior, para deixarem a pesca e encontrarem um trabalho melhor em outros sectores económicos. Isto é particularmente evidente em lugares onde a actividade da pesca ganhou uma imagem negativa (a grande maioria). As mulheres não querem que as suas crianças sigam os passos do pai. Esta é a razão pela qual um grande número de estrangeiros é hoje membro da tripulação em barcos franceses. Este estado degradado dos recursos constitui uma ameaça importante à continuidade da pesca nas comunidades costeiras.

Contudo, apesar dos avanços na legislação do trabalho, mesmo hoje, não há nenhum reconhecimento social pelo trabalho das mulheres na pesca e na aquacultura ou nas suas organizações em França. Isto era diferente no início dos anos 80, quando as mulheres no negócio de ostras gozavam de um certo estatuto e tinham acesso a oportunidades de formação. Mas após a crise de 1993, e devido à lei de 1997 sobre a pesca e cultura marítima, as mulheres casadas podiam apenas reivindicar direitos através dos seus papéis como ‘esposas colaboradoras’. As mulheres solteiras não são reconhecidas. Isto está directamente relacionado com o pagamento do seguro social em França. Além disso, os homens dirigem os sindicatos em França, dos quais as mulheres são virtualmente excluídas. Às mulheres falta, assim, experiência em como instituir e gerir uma organização. Não há nenhum programa de gestão da pesca, aberto para as preocupações das mulheres, desconsiderando o seu interesse histórico na conservação de recursos.

‘Nós pescamos como grupos de mulheres e indivíduos’: Perspectivas do Lago Victoria, Tanzânia, Quénia e Uganda – Modesta Medard e Kim Geheb

Devido aos papéis centrais das mulheres nas comunidades pesqueiras e agrícolas do Lago Victoria, elas são muito sensíveis à deterioração da qualidade de vida e do ambiente que atingem a Tanzânia actual. Estas condições não melhorarão a menos que as contribuições das tanzanianas (e de mulheres rurais de outros países) para a família e para o bem-estar social forem reconhecidas e incorporadas nos planeamentos do desenvolvimento.

Entrevistas detalhadas com 14 membros de um grupo de mulheres chamado ‘KIMAWAKA’, da vila Katunguru na região ocidental de Kagera, na Tanzânia, durante sucessivas visitas de campo entre 1999 e 2001 e entrevistas adicionais com homens e mulheres (com e sem o grupo) em Obenge, no Quénia, e Lwalalo, em Uganda, e os líderes das vilas foram feitas utilizando várias técnicas de avaliação rural participativa (PRA).

Os resultados mostram que são as mulheres que prestam a assistência de subsistência primária às famílias e que a sua contribuição para a economia familiar é substancial. Como a pesca no Lago Victoria diminui com o aumento dos tipos industriais de pesca e a remoção de peixes grandes (o fenómeno da pesca abaixo na cadeia alimentar), os benefícios económicos estão igualmente concentrados nas mãos de poucos industriais e exportadores. Os rendimentos suplementares são cada vez mais importantes, já que os rendimentos da pesca tornam-se insuficientes para sustentar muitas famílias nas comunidades rurais do Lago Vitória. As mulheres estão, desnecessariamente, a liderar a identificação e a exploração de novas oportunidades para manter as suas famílias. Com poucas excepções, contudo, as mulheres permanecem reactivas e não conseguem acumular bastante capital para criar uma margem crescente de lucros. A prevalência de mecanismos de gestão dos recursos não foi capaz de impedir a sobrepesca económica e biológica. O fracasso em reconhecer os papéis das mulheres aumentou o número de mulheres obrigadas a empregar-se como mão-de-obra barata, como na pesca, competindo por um lugar em actividades masculinas, o que apenas acentua o uso excessivo dos recursos, e/ou até mesmo o seu envolvimento na prostituição para ganhar acesso a peixes para o seu comércio. O resultado final é a degradação do ecossistema e do tecido social.

Mulheres rurais e gestão sustentável da pesca no sul da Nigéria - Stella B. Williams, Funmilola Omotoso, Nike Adewoyin, Mercy Adeogun e Iyabo Adeogun

As informações recolhidas em artigos publicados, em visitas de campo a 36 aldeias pesqueiras de 30/01/1998 a 01/12/2001 e em entrevistas pessoais a várias partes interessadas, homens, mulheres, jovens e pescadores, que são líderes das suas organizações cooperativas em algumas comunidades pesqueiras no Delta do Niger dispersas pelos nove estados da região do Rio Niger (Abia, Akwa Ibom, Bayelsa, Cross River, Delta, Edo, Imo, Ondo e respectivos rios), revelaram a seguinte situação. No conjunto do Delta do Niger, a pesca e a agricultura eram as actividades económicas comunitárias mais seguras. Estas actividades constituíam o meio de subsistência das comunidades rurais muito antes da descoberta do 'ouro negro' – o petróleo, que modificou a base económica da nação de uma economia dependente da agricultura para uma economia baseada no petróleo. Os homens nas comunidades de pesca costeira costumavam emigrar com os peixes. Os conhecidos pescadores migratórios da Nigéria eram os Ijaws, os Ikales, os Ilajes, os Itshekiris, os Urhobos, os Delta Ibo e os Aworis. Estes grupos étnicos – com os pescadores migratórios de Ghanaian - habitam as ilhas mais remotas no Lago Chade, Camarões, Porto Novo no Gabão e outros pontos longínquos de pesca na costa centro-oeste africana.

O antigo hábito migratório dos pescadores costeiros levou-os a tornar-se polígamos, deixando esposa e crianças para trás, apenas para começar uma nova família na próxima paragem. As esposas e crianças dos pescadores participam na produção de peixe ajudando no desembarque, tratamento, preservação e comércio dos produtos, na fabricação de redes e armadilhas ou na reparação das redes rasgadas, para além de fornecer uma base agrícola à subsistência familiar (Adekanye, 1989; Altieri, 1993; Williams & Awoyomi, 1996). Se tiverem que fazê-lo, apenas as mulheres mais idosas (35-50 anos) irão também pescar em enseadas, ribeiros e às vezes nos rios. Utilizam canoas abertas, médias ou grandes, que são feitas de troncos ou pranchas de madeira. Nenhuma delas utiliza motores para pescar. Os seus equipamentos de pesca comuns são as redes de pesca tradicionais (redes de emalhar, de espera ou de deriva) e armadilhas de bastão ou junco. Como muitos homens não regressam no final da época de pesca, cerca de 75% das mulheres dirigem as suas famílias e têm que prover sozinhas todas as necessidades da família. Desta forma, as mulheres têm horas particularmente longas de trabalho, mas uma vez que não são consideradas numa posição de igualdade com os homens, nada disto é reflectido nos censos nacionais das famílias.

Com o começo da extracção de petróleo no Delta há quase 50 anos, os trabalhadores foram seleccionados na sua grande maioria fora da região, deixando mulheres, jovens e pescadores migratórios locais com um ambiente degradado para as suas actividades económicas tradicionais e poucas fontes alternativas de rendimento. A política nacional de partilha dos recursos naturais é insensível à prioridade das mulheres locais situada no desenvolvimento sustentável baseado na igualdade dos géneros. Elas desejam programas de educação; melhoramento da subsistência da população rural, que daria lugar a um impulso económico através do desenvolvimento de capacidades; desenvolvimento de infra-estruturas para o bem-estar e reforço económico; avaliação do impacto ambiental e reabilitação da terra e dos ecossistemas aquáticos; desenvolvimento de políticas de protecção ambiental, implementação, monitorização e processos de avaliação para a

manutenção de futuros planos de acção públicos e privados para a população; auditoria de todas as acções aprovadas pelo governo e pelas empresas privadas. Exigir que as autoridades as escutem e fazer com que sejam cumpridas muitas das promessas feitas por diferentes empresas privadas tendo em conta o futuro económico da região, não levou ainda a uma ajuda significativa.

As mulheres pescam, Serra Leoa - Patience B. Browne

Em cada comunidade pesqueira, homens, mulheres e crianças definiram claramente as actividades a serem executadas diariamente. A operação da pesca é executada pelos homens. Saem nas suas canoas com os seus vários tipos de equipamentos de pesca. Outras actividades executadas por homens nas suas várias comunidades de pesca são a construção/reparação de barcos e a fabricação de redes de pesca.

Além do papel de donas-de-casa, as mulheres estão agora a envolver-se mais em diversas actividades de pesca, que se estendem do processamento/comércio a proprietárias de barcos. Tradicionalmente, a colheita física de peixes é um trabalho masculino, mas como as mulheres estão agora mais envolvidas, algumas dedicam-se ocasionalmente a actividades como a fabricação e a reparação de redes. Após a colheita, o seu papel predominante consiste na compra, tratamento e comércio do pescado. As mulheres passam às vezes entre 8 e 10 horas por dia em actividades relacionadas com a pesca, para as quais recebem muito pouco ou quase nenhum auxílio (Browne, 2002).

No final de cada viagem de pesca, o pescado desembarcado é vendido a mulheres que trabalham com peixes, que então comercializam os peixes frescos ou secos. Se os peixes vão ser vendidos secos, as mulheres e crianças lavam conjuntamente, removem as nadadeiras e entranhas (no caso de algumas espécies), procuram lenha e fazem a secagem numa banda de tratamento, que é uma plataforma de lama e varas ou metal entre 3 e 3,5 pés de altura (entre 0,90 e 1,06 metro), na qual os peixes são colocados. As vendas do peixe fresco ou seco são efectuadas pelas mulheres e crianças.

Durante a guerra civil, a maioria das actividades económicas foi afectada e quando as pessoas não podiam fugir das zonas de guerra para as cidades ou acampamentos de refugiados, na melhor das hipóteses perdiam os seus recursos produtivos. Nestas condições, pouco da pesca costeira de canoa, responsável por cerca de 70% da produção no período de 1971 a 1993, era sustentada. Sempre que possível, durante a estação seca entre Setembro e Março, pequenos grupos de mulheres operavam redes de colheita em rios e enseadas para obterem algum peixe para o consumo doméstico.

Pouquíssimas mulheres superaram com êxito estas condições degeneradas de subsistência, se não uma armadilha de pobreza, para se tornarem empresárias de empresas de pesca de várias dimensões. Entre elas havia uma mulher que aproveitou um projecto de desenvolvimento (Projecto AFCOD, apoiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento, nos anos 80) para obter um empréstimo para um barco de pesca artesanal, e aumentar os seus activos ao longo do tempo através da uma boa gestão.

Mulheres na Amazónia e na costa do Brasil considerando subsistência e resiliência – Alpina Begossi

Foram registadas as actividades de mulheres em nove comunidades florestais atlânticas ao longo da costa dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo (com início em 1986) e em sete rios da Amazónia ou afluentes na bacia Araguaia-Tocantins e da Reserva Extractiva do Alto Juruá (1987-97). As actividades económicas das mulheres incluem agricultura de queimada (*slash and burn*), tratamento da casa e das crianças, processamento de mandioca, artesanato, recolha de plantas, pesca e manutenção de casas de turistas, entre outras.

Em alguns sítios ao longo da costa, como na Ilha de Búzios, as mulheres jovens evitam actividades agrícolas e concentram-se nos cuidados com a casa e na guarda de crianças. Na proximidade de centros urbanos, elas também se envolvem no comércio de peixes em pequena escala no sector não estruturado. Em outros locais, como na Ilha Jaguanum e em Picinguaba, o turismo incentiva as mulheres a dedicarem-se ao trabalho de caseiras, cuidando das residências turísticas.

Os locais estudados na Amazónia mostram tendências semelhantes, mas algumas mulheres também pescam para subsistência. As propostas para a gestão local raramente prestam atenção às actividades femininas, apesar do facto de as mulheres poderem desempenhar um papel importante na medicina tradicional, na manutenção das práticas e conhecimentos culturais, no processamento de alimentos e no comércio. A resiliência da subsistência destas comunidades, incluindo as estratégias das mulheres, não pode ser dada como garantida face às amplas transformações da economia e da sociedade em torno delas. Os modelos de resiliência podem ser assim uma abordagem útil de modo a compreender as interacções, multi-escala e multi-recurso, das mulheres em áreas florestais do Brasil.

Mulheres na água? A participação das mulheres na pesca de alto mar no sudeste do Brasil – Maria A. Gasalla

A participação feminina na pesca brasileira é mais diversificada do que se esperaria dos estereótipos masculinos normalmente formulados. No litoral sudeste do Brasil (Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro), as mulheres contribuem de múltiplas maneiras para a produção, processamento (artesanal e em instalações industriais), comércio e distribuição de recursos pesqueiros. Além disso, desempenham papéis importantes de suporte terrestre - que não são geralmente reconhecidos e são pouco recompensados - como esposas colaboradoras. Há mesmo casos em que as mulheres se envolvem a bordo de embarcações artesanais de pesca de lula, motorizadas ou não. No entanto, os seus papéis mais importantes estão nas actividades terrestres, incluindo a administração do risco de pesca e a representação frente às autoridades, desta forma realmente exercitando a responsabilidade administrativa, para além do trabalho não remunerado e não reconhecido de apoio à pesca e ao comércio dos produtos pesqueiros. Baseado em amplos estudos sociais, este trabalho discute a relação entre a concessão feminina e o desenvolvimento sustentável da pesca. O reconhecimento social e o melhoramento dos papéis das mulheres são propostos como elementos importantes para a transição da crise para o desenvolvimento sustentável da pesca no sudeste brasileiro.

Como assegurar as questões dos géneros no planeamento dos recursos costeiros no México – Margarita Velazquez

O México teve uma política afirmativa dos géneros nas funções do governo em pesca durante um longo período, de modo que as mulheres chegaram a alcançar posições ministeriais e desempenharam papéis activos, por exemplo na preparação activa do México para o Encontro Mundial do Rio, através da Conferência e Declaração em Cancun, que levou ao Código de Responsabilidade Pesqueira da FAO e a outras iniciativas internacionais. No entanto, a investigação sobre o seu papel na pesca e na aquacultura não é extensiva, apesar de o Ministério do Ambiente (SEMARNAP - Secretaria do Meio Ambiente, Recursos Naturais e Pesca) calcular que a pesca represente um por cento do PIB, na maioria proveniente dos estados costeiros de Baja California Sur, Sinaloa, Sonora e Veracruz.

A produção do México atinge cerca de 1,5 milhões de GT e algumas pescarias mostram sinais de super-exploração. A frota Pacífica é maior em tamanho mas, no Golfo do México do lado Atlântico, prevalecem operações em menor escala. O México exporta cerca de 15% da sua produção pesqueira e de aquacultura, sendo os camarões a contribuição de valor mais elevado. A degradação ambiental decorrente da poluição terrestre devido aos lixos industriais, à indústria do petróleo e ao mega-turismo afecta as águas costeiras em algumas áreas.

As ligações entre a investigação e as comunidades e operadores do sector costeiro não são muito fortes. É necessário melhorar as interações e também ligar as dimensões ecológicas e ambientais com as dimensões sociais. As formas participativas de estudo, e as abordagens interactivas do tipo ‘aprender fazendo’ para melhorar a gestão das áreas costeiras, têm potencial para melhorar a subsistência das pessoas assim como para melhorar a protecção ambiental.

As investigações, com os seguintes objectivos, são consideradas particularmente úteis relativamente às zonas costeiras e aos seus sistemas sociais e ecológicos no México:

- (a) Divisão de trabalho e responsabilidades.
- (b) Direitos de propriedade, acesso a crédito e recursos de mulheres e homens nos diferentes estados costeiros.
- (c) Instituições para gestão dos recursos; como agências de financiamento auxiliam as famílias, e podem ter como objectivo o apoio a grupos vulneráveis sem comprometerem os recursos.
- (d) Impacto de uma política económica mais ampla na pesca (por exemplo, mercados, regras de segurança ambientais e alimentares).
- (e) Ecossistemas marinhos que funcionam, mudança dinâmica e produtividade económica.

As mulheres colectoras de peixes na Terra Nova e Labrador: Uma exploração do seu trabalho, aprendizagem e saúde, Canadá - Brenda Grzetic

Com a onda corrente de reestruturação na Terra Nova e Labrador no seguimento do colapso da pesca de bacalhau, as mulheres intensificaram os seus esforços em pequenos barcos

pesqueiros familiares para assegurar os rendimentos da família provenientes da pesca. Desde os anos 80, enquanto os homens se retiravam da indústria para aposentarem-se ou procurarem trabalho em outra parte, o número de mulheres a trabalhar em barcos de pesca aumentou dramaticamente. A pesca e a reestruturação do seguro de emprego do governo criaram um ambiente onde rendimentos reais inferiores para as famílias, um custo de vida mais elevado, e a ausência de empregos em terra para as mulheres no processamento do pescado e noutras áreas desde a moratória, actuaram como um catalisador para que as mulheres obtivessem rendimentos da pesca (Neis & Grzetic, 2000).

Algumas mulheres colectoras de peixe beneficiaram do facto de terem maridos, colegas, amigos e família em torno delas, que claramente não têm preconceitos acerca do género, da força de trabalho e do papel que a mulher venha a desempenhar. Outras não tiveram o mesmo grau de apoio. A maioria destas mulheres sabe que há limites ao seu apoio e não arrisca demasiado em domínios institucionais fora do agregado familiar. Ensinar-lhes os conhecimentos de que necessitavam para os seus deveres imediatos a bordo do barco e ao longo do tempo algumas delas aprenderam novas competências. Elas sentem-se bem relativamente à contribuição que estão a dar aos rendimentos familiares. Os seus rendimentos ajudaram a enfrentar as despesas crescentes associadas à reestruturação da pesca e aos programas sociais, incluindo a educação superior desde os anos 80. Para muitas mulheres neste estudo, os seus rendimentos de colecta significaram a diferença ‘entre vida e morte’ para estas empresas de pesca.

As mulheres colectoras de peixe trabalham num ambiente com certas ameaças para a sua saúde e bem-estar. Um ambiente político que ignorou a relação entre saúde e género, degradação ambiental, ambiente de trabalho, ambiente físico, educação e formação, e redes de apoio ao trabalho puseram em risco a saúde de todos os colectores de peixes. As mulheres estão particularmente em risco em tal ambiente. Estes riscos são o resultado da redução do efectivo pesqueiro, de mudanças no ambiente de trabalho, de estigmas sociais associados ao seu trabalho, de cargas de trabalho e responsabilidades, de relações de trabalho, da adaptação das suas capacidades às requeridas para os seus empregos, e medidas de profissionalização e de formação. Os aspectos do seu trabalho que são um motivo de preocupação incluem a sua carga de trabalho triplicada durante a época de pesca, as pressões de novas regras e regulamentos de pesca e a segregação de seu trabalho e da aprendizagem a bordo dos barcos de pesca. A sua continuada marginalização na pesca através de restrições no seu trabalho e a autorização para possuir um barco destrói a sua capacidade de se ver fora do papel de ‘ajudante’.

As políticas de reestruturação da pesca e a escassez de recursos estão a ameaçar os rendimentos das pessoas na pesca costeira em pequenos barcos e parecem pressionar os colectores de peixes a tomarem mais riscos no seu trabalho. Na ausência de formação de segurança, algumas mulheres sentiram a necessidade de assumir mais responsabilidades pela segurança a bordo do barco – aumentando as pressões sobre elas e a sua carga de trabalho, que já é muito pesada. Algumas mulheres entrevistadas sentiram que a tendência crescente de mulheres que pescam continuará, à medida que os efectivos pesqueiros se tornam cada vez mais escassos, os custos associados à pesca continuam a aumentar e o acesso aos peixes torna mais limitado. As mulheres sentiram igualmente que o aumento do controle e das pressões de estigmas relacionados ao impacto ambiental asseguraria que as

mulheres fossem *vistas* como pescadoras, aumentando assim a sua presença na água.

As instituições de pesca precisam de trabalhar para a criação de um espaço de respeito para as mulheres colectoras de peixes e para a promoção dos seus direitos e necessidades em relação ao seu emprego, rendimentos e saúde futuros. Elas também devem trabalhar em conjunto para assegurar a sustentabilidade do efectivo pesqueiro. As pessoas na pesca e nas instituições governamentais devem fazer um esforço estratégico para fazer com que estas mulheres sejam consideradas como trabalhadoras sérias e importantes, com muito a contribuir para a pesca e para as políticas de pesca.

Mulheres na pesca e aquacultura em duas ilhas do Pacífico – Mecki Kronen e Aliti Vunisea

Os resultados aqui apresentados baseiam-se em dados recolhidos como parte do projecto DemEcoFish. O projecto tem como objectivo dois países, Fiji e Tonga, que representam a Melanésia e a Polinésia, respectivamente. Em cada país, três regiões geográficas importantes são seleccionadas: Ha'apai, Vava'u e Tongatapu em Tonga, e Viti Levu, Vanua Levu e Lau em Fiji. Dentro de cada uma destas regiões, duas comunidades costeiras são seleccionadas, utilizando parâmetros socioeconómicos (proximidade de um centro 'urbano', grau de isolamento), e características ecológicas das suas zonas de pesca (*high-low island*, com ou sem acesso a um sistema extenso de lagoas).

Metodologicamente, é aplicada uma abordagem rápida e pontual para testar a hipótese de que a dinâmica social determine significativamente a natureza e a intensidade da pesca. No caso da avaliação socioeconómica, a avaliação de cada vila inclui um conjunto combinado de métodos comunitários e participativos (descrição, classificação e contagem dos recursos), censos e estudos baseados em questionários, uso de grupos alvo, informadores chave e discussões abertas.

Os resultados dos estudos de caso das situações rurais em **Tonga** mostram que: (a) As actividades de pesca das mulheres vão para além da recolha de moluscos, e a utilização de equipamentos de pesca parece ser determinada pelo acesso e disponibilidade, em vez dos tabus específicos dos géneros (ou seja, a 'tradição' sugere uma distinção entre actividades de pesca e recolha nos recifes, por homens e mulheres respectivamente), embora as mulheres raramente utilizem barcos motorizados. (b) A contribuição das mulheres para a provisão de alimentos para a família é pelo menos tão regular e segura quanto a contribuição dos homens. (c) O factor que determina as significativamente mais longas viagens de pesca empreendidas pelos homens é a sua preferência por pescar à noite em barcos motorizados. As mulheres preferem a pesca diurna, que não entra em conflito com tarefas domésticas e com as obrigações familiares. (d) Ambos têm níveis de conhecimento ecológico e capacidades semelhantes, mas as mulheres tendem a pescar mais para a segurança alimentar da família do que para outros objectivos.

Por comparação, o contexto em **Fiji**, com mais elevada penetração da economia monetária, mostra o crescente esforço da pesca e frequentemente uma mecanização mais elevada da pesca, e menor distinção entre os papéis dos géneros. As mulheres de Fiji estão muito mais envolvidas na pesca de peixes de escamas. Elas utilizam barcos motorizados e

frequentemente acompanham os seus maridos em viagens de pesca. A sua contribuição é às vezes contabilizada junto com a captura do seu marido, principalmente se a pesca com rede de emalhar foi feita em conjunto e, conseqüentemente, o impacto e a contribuição das mulheres na pesca são frequentemente subestimados. No entanto, a captura das mulheres é utilizada, primeiro para fornecer alimento para a família e amigos, sendo o excedente comercializado. A captura dos homens pode ser igualmente para o abastecimento proteico da família; contudo, a ênfase sobre o comércio é em geral mais forte.

Os diferentes papéis entre as estratégias e práticas de pesca das mulheres e dos homens no Pacífico Sul sugerem fortemente que a pesca de recife e lagoa continua a ser um dos recursos mais importantes para a segurança alimentar das comunidades costeiras. As avaliações de Tonga e Fiji demonstraram que fontes de rendimento alternativas e mais lucrativas são preferidas à pesca artesanal, alertando para a emigração de membros do agregado familiar, que procuram empregos pagos em dinheiro em centros urbanos próximos ou distantes. Conseqüentemente, as mulheres têm de continuar a fornecer as necessidades proteicas regulares para as suas famílias. Além disso, se as remessas de dinheiro forem feitas irregularmente, a pesca das mulheres visa cada vez mais o preenchimento destas necessidades, que aumentam sazonalmente (honorários da escola e da igreja), ocasionalmente (funerais, casamentos, etc.) ou mesmo regularmente (despesas básicas do agregado familiar).

Os efeitos da pesca são evidentes no estado actual de recursos dos recifes, indicando a necessidade de utilizações alternativas dos recursos marinhos costeiros e/ou de fontes de rendimento alternativas? Para assegurar as necessidades de subsistência e rendimento a aquacultura é vista por alguns como uma opção alternativa viável para garantir o rendimento e a subsistência das comunidades costeiras rurais. No entanto, a aquacultura é uma introdução recente no Pacífico e ainda não generalizada. As mulheres foram envolvidas com êxito no cultivo de alga marinha em Fiji, onde se encarregaram do funcionamento da maioria das operações. Contudo, são necessárias precauções no que se refere à introdução de quaisquer novas espécies, à sua promoção e à manipulação para evitar a fuga para os ecossistemas locais e a sua subsequente colonização. São necessários estudos de viabilidade adequados, formação e apoio para desenvolver as capacidades que tornam as operações de aquacultura bem sucedidas, tendo em conta certos constrangimentos no Pacífico Sul, como o isolamento, longas distâncias e a ausência de infra-estruturas de mercado.

Mulheres na pesca costeira na Ásia - Chandrika Sharma

Milhões de pessoas dependem da pesca para viver na região da Ásia e o sector é, indubitavelmente, uma fonte importante de empregos, rendimentos e segurança alimentar. De acordo com a FAO (2004), como já citado anteriormente, em 2002, estima-se que dos 38 milhões de pessoas no mundo inteiro que obtinham receitas da pesca e da piscicultura, 87%, ou 32,8 milhões de pessoas activas, na maioria das vezes em tempo parcial, são asiáticas.

No contexto asiático, tradicionalmente tem sido dada ênfase à produção, em vez de à gestão para o uso sustentável. Muitos estudos recentes indicam que os recursos em áreas na

proximidade da costa são pescados optimamente, se não super-explorados. Mudanças rápidas tiveram lugar nas últimas décadas, entre outras, a mudança tecnológica na indústria pesqueira, o desenvolvimento do turismo, o cultivo de camarões e a urbanização.

Estas mudanças tiveram diversas consequências, frequentemente negativas, para as mulheres das comunidades pesqueiras. Por exemplo, a introdução das novas tecnologias, como as máquinas de fabricação de redes de pesca, desempregou muitas mulheres contratadas neste trabalho, como em certas regiões da Índia. Com instalações centralizadas em terra, muitas mulheres são forçadas a viajar distâncias maiores para obterem acesso a capturas. Com a maior presença de agentes de exportação e intermediários, as mulheres (com pouco acesso a facilidades de crédito) acham difícil competir pela captura, o que significa que as mulheres têm principalmente acesso a espécies de baixo valor comercial, que elas podem processar e/ou vender, com margens de lucro correspondentemente inferiores. As políticas governamentais apoiaram largamente o sector de colecta no qual os homens dominam e o acesso das mulheres ao crédito e a outros tipos de apoio continua a permanecer marginal.

O cenário em rápida transformação significou igualmente que as mulheres tiveram que encontrar novos lugares na pesca. Por exemplo, muitas mulheres podem ser vistas processando capturas de traineiras em terra. Algumas outras mulheres na região expandiram a escala de actividades de troca e de processamento. As mulheres encontraram igualmente emprego em instalações de transformação de peixe em países como Tailândia, Índia e Filipinas. Em geral, enquanto algumas mulheres foram retiradas do sector, outras encontraram novos lugares e são capazes de tirar proveito das mudanças.

Por outro lado, com a maior pressão sobre os recursos e a degradação dos habitats costeiros, em muitas áreas o tempo gasto pelas mulheres em actividades de subsistência (recolhendo água e lenha, por exemplo) aumentou. Ao mesmo tempo, com a tomada de posse de terras costeiras e praias, as comunidades de pesca foram deslocadas dos seus habitats tradicionais e as mulheres perderam o acesso às praias para a secagem e selecção dos peixes.

As mulheres das comunidades pesqueiras começaram a organizar-se de certa maneira, para chamar à atenção sobre questões e problemas que enfrentam não apenas como pescadoras, mas também como membros das suas comunidades, e como aquelas responsáveis pelas suas famílias.

Dado este histórico, a investigação futura deveria, em última análise, levar a uma melhor compreensão das mulheres no sector pesqueiro e a uma melhor política que apoie adequadamente não apenas as mulheres no sector pesqueiro, mas uma forma de desenvolvimento da pesca mais sustentável e justa. A maior falha, mesmo depois de o papel das mulheres na pesca ter sido amplamente realçado durante mais de duas décadas, é a ausência de estatísticas detalhadas e exactas sobre os papéis das mulheres na pesca. As implicações políticas de tal ausência de estatísticas são óbvias. Esta lacuna deve ser preenchida.

Género na pesca e na aquacultura: iniciativas na região do Mekong - Kathleen I. Matics

As mulheres contratadas na pesca e aquacultura no Camboja, Laos, Tailândia e Vietname enfrentam uma ampla gama de problemas que não eram reconhecidos até há alguns anos atrás. Algumas das dificuldades, incluindo a ausência de oportunidades de formação e o acesso aos recursos naturais, foram manifestadas pelas próprias mulheres durante um seminário em Março de 1996 sobre Mulheres na Pesca na Indochina, organizado pela Parceria para o Desenvolvimento no Camboja (PADEK). Uma série de sessões de trabalho para estabelecer quatro redes nacionais para abordar os desafios dos géneros levou ao lançamento, em 2000, de uma rede regional. Desde então, o Programa de Pesca MRC ofereceu anualmente um local para que este fórum regional se pudesse reunir, compartilhar pontos de vista e procurar soluções para os desafios enfrentados pelas mulheres na pesca. Desta forma, ao longo do tempo as mulheres envolvidas na pesca estão-se a tornar mais visíveis para os políticos e também para o grande público. O impacto das mulheres no desenvolvimento económico e social dos países é confirmado pelos dados estatísticos nacionais. Muitas mulheres sem terra na Região do Mekong são as ‘mais pobres dentre os pobres’.

Camboja: A agricultura representa 40% do PIB e a pesca contribui com cerca de 8 a 10%. Calcula-se que 40 a 50% da proteína animal vem do peixe, que é importante para a segurança alimentar. No passado a contribuição das mulheres para a pesca foi negligenciada e as mulheres eram ‘invisíveis’, apesar de seu papel activo em actividades de apoio para a captura na pesca e a sua predominância no comércio de peixe. Curiosamente, quando os projectos de desenvolvimento foram feitos, as mulheres não foram envolvidas no processo decisório e foram frequentemente completamente excluídas do processo de desenvolvimento. Agora, finalmente, as restrições que tendem a limitar a participação das mulheres foram identificadas e as mulheres são muito mais activas do que antes.

O Departamento de Pesca responsabilizou-se por apoiar as actividades da Rede de Mulheres Pescadoras Cambojanas (CWIF), que é ligada a redes semelhantes nos países limítrofes. O reforço adicional das capacidades, apoiado por projectos de desenvolvimento seleccionados, permanece como prioridade na ordem de trabalhos em virtude do ainda limitado acesso das mulheres à educação e aos serviços sociais.

Laos: O sector agrícola representa 54% do PIB. As mulheres desempenham um papel muito importante neste sector. Elas ocupam 32% dos cargos do governo relacionados com os campos agrícolas, e assumem uma responsabilidade considerável. Das 972 pessoas que trabalham nos escritórios de pesca e produção animal no país, 24% são mulheres. O seu objectivo é o desenvolvimento do país passo a passo. Os frutos do seu trabalho são mostrados pelos resultados do sector pesqueiro no Laos.

A produção pesqueira em 2001 era de 73.153 toneladas, reflectindo um aumento de 152% comparado à produção de 1996. O sector pesqueiro era responsável por 7 a 8% do PIB em 2001 e, de acordo com uma avaliação recente, metade é atribuído ao trabalho feminino. A produção de aquacultura era de 43.100 toneladas em 2001, 1,38 vez mais elevada que a produção de apenas 18.000 toneladas em 1996. Presentemente o consumo per capita de peixes e de outros animais aquáticos é de cerca de 14 kg/ano.

Na tradição de pesca do Laos, homens e mulheres têm papéis claros, embora se possam sobrepor papéis. Por exemplo, na captura de pescado os homens têm principalmente a função de fazer as redes e de capturar os peixes. As mulheres reparam as redes e capturam os peixes para subsistência. As mulheres do Laos processam os peixes para conservação, consumo e comércio em pequena escala. Mais de 50% das pessoas na área de Nam Ngum no Laos central são mulheres contratadas para actividades de pesca e de cultura de peixes. As actividades de aquacultura das mulheres incluem a limpeza da lagoa, a fertilização, a alimentação dos peixes, a captura de peixes, a venda de peixes, etc. Elas também cozinham e preservam o peixe com objectivos domésticos. Em 1999-2000, 13 cursos de formação em processamento de peixe para pescadores na província da Vienciana e município de Vienciana tiveram um total de 264 participantes, dos quais 80% eram mulheres. O governo do Laos forneceu materiais e equipamento para melhorar as actividades de processamento de peixe no agregado familiar em vilas perto do reservatório de Nam Ngum.

Tailândia: Apesar dos aumentos importantes na produção pesqueira, mais recentemente em aquacultura de camarões, pouca investigação tem sido feita sobre as condições das pessoas envolvidas no sector. Apenas cerca de 1,3% dos 600 projectos aprovados envolveu aspectos socioeconómicos da população de pescadores. Os estudos relacionados com os aspectos dos géneros eram inexistentes. Além disso, até recentemente, as estatísticas da pesca e os dados publicados não foram separados por sexo.

Apenas ultimamente houve um certo reconhecimento de que as mulheres, assim como os homens, são actores chave no êxito da gestão e da produção pesqueiras. Em outubro de 2001, o Departamento de Pesca concordou em servir como ponto focal da Rede Nacional de Mulheres Pescadoras Tailandesas (TWIF) na Tailândia. Desde abril de 2002, a rede TWIF tem conduzido um projecto de investigação com um ano de duração em conjunto com o Instituto Asiático de Tecnologia (AIT), da Universidade de Chulalongkorn (Instituto de Investigação Social) com o apoio do governo tailandês. O Departamento de Pesca está agora sob a direcção do recentemente criado Ministério do Ambiente e dos Recursos Naturais. O Departamento foi dividido em dois: (a) a Secção de Pesca Marinha e de Água Salobra e (b) a Secção de Pesca do Interior. O cargo para uma 'pessoa responsável pela questão dos géneros foi estabelecido pelo Departamento de Pesca.

Vietname: Mais de 3,4 milhões de vietnamitas estão envolvidos na pesca de captura, piscicultura, transporte, processamento, distribuição e comércio de peixes e de produtos pesqueiros. Mais da metade são mulheres que vivem em áreas rurais e aldeias pesqueiras costeiras. 84% dos trabalhadores na indústria de marisco são mulheres. A Rede de Mulheres Pescadoras Vietnamitas (VWIF), estabelecida em Março de 1999, funciona sob a orientação do Comité para o Progresso das Mulheres na Pesca (CAWF). É um componente integral da Rede para o Desenvolvimento do Género na Pesca da Região do Mekong.

A rede VWIF reiterou ao CAWF a importância de estabelecer a base de dados dos géneros e de avaliação de igualdade dos géneros no Ministério de Pesca (MOFI). O CAWF e a rede VWIF desenvolveram o plano de acção para a promoção dos géneros entre 2003 e 2005, com o objectivo de permitir que as mulheres, através do reforço das capacidades, se tornem comparáveis aos homens em termos de lugar de trabalho, educação, cuidados com a saúde e vida política, cultural e social do Vietname.

3.O que pode ser aprendido dos estudos de caso e de outras evidências disponíveis?

Algumas características gerais são observadas: Considerando os dados globais das Nações Unidas sobre mulheres, observa-se que as mulheres constituem metade da população mundial e trabalham aproximadamente 2/3 das horas totais de trabalho. Nos países em desenvolvimento, as mulheres produzem metade do total de produtos agrícolas (incluindo pesca e aquacultura na maioria dos países), contudo ganham apenas 1/10 do rendimento total e possuem uma quantidade insignificante de 1/100 das propriedades totais. Quase 2/3 das mulheres nos países em desenvolvimento é analfabeta, embora existam exceções notáveis, como Kerala no sul da Índia, com sua política de procurar o desenvolvimento através da educação. Um terço dos agregados familiares em todo o mundo é dirigido por uma mulher; no Camboja, isso ocorre em metade das famílias. Mesmo com um homem como o chefe da família, geralmente a mulher tem o poder real em casa porque tende a gerir os recursos do agregado familiar. No sector público e na área política, contudo, quase 9/10 dos representantes na política local e nacional nos países em desenvolvimento são homens. Muitos dos estudos de caso resumidos aqui validam estas características globais.

3.1 Papéis ancestrais de conservação das mulheres

Os dois papéis principais das mulheres estão inter-relacionados: o papel biológico e social de reprodução e a função de manter a família unida e o papel económico de contribuição para o rendimento e a segurança alimentar. O registo histórico mostra que o reino feminino foi intimamente associado à conservação da natureza e ao uso sustentável em diversas sociedades antigas onde as mulheres tiveram direitos específicos sobre áreas de conservação, como no Mediterrâneo e no Pacífico, geralmente apoiadas por crenças místicas ou religiosas acerca da Deusa da Terra, dos bosques sagrados e das primeiras zonas marinhas protegidas da humanidade (Collet, *pers.comm.*; Eisler, 1988). Collet (1992) descreve em pormenor o importante poder simbólico das mulheres em economias de pesca, o seu papel na caça tradicional de baleia na América do Norte e na pesca mediterrânica de peixe-espada em lugares com quatro milénios de ininterrupta ocupação humana e orientação marítima. Os seus estudos adicionais sobre o papel de conservação das mulheres em muitas ilhas do Pacífico no passado revelam igualmente que as poderosas mulheres mágicas utilizadas para exercer autoridade estão progressivamente a perder-se na transformação contínua das suas sociedades. Hochet-Kibongui observou tendências semelhantes em sociedades rurais na África.

A intenção não é romantizar o papel das mulheres na conservação. Muitos dos sistemas que são interpretados hoje como tendo um carácter conservacionista (não pescar em certas áreas, em certos dias, proibição de certos tipos de equipamentos de pesca, etc.), podem realmente ter emergido devido a razões sociais ou como mecanismos para diminuir o conflito social. O baixo nível de tecnologia disponível e a procura limitada em tempos remotos (por razões demográficas e de mercado) teriam assegurado que os recursos fossem utilizados mais ou menos sustentavelmente. No entanto, a evidência aponta claramente para

uma relação diferente destas sociedades com a natureza e a associação das mulheres com formas de restrição.

3.2 A subserviência das mulheres no presente é associada com a utilização insustentável da natureza

Os casos aqui apresentados referem-se principalmente à pesca artesanal nas últimas décadas, quando muitos dos sistemas de crença mais antigos e os papéis femininos referentes à natureza já foram seriamente destruídos ou perdidos. Eles mostram que uma importante fonte de rendimento de muitos agregados familiares está nas actividades de pesca dos homens em mar aberto, mas que muitas mulheres estão igualmente envolvidas na pesca costeira ou com anzol e linha ou na pesca em piscinas naturais. Muitas mulheres recolhem outros organismos aquáticos ou participam na cultura de peixes, particularmente na Ásia. As mulheres tendem a dominar no processamento de peixe, tratamento e comércio, na reparação de redes de pesca, na preparação de iscas e em outras actividades de apoio terrestres, da documentação à pintura de barcos e/ou à agricultura, tal como evidenciado nos casos aqui apresentados e em outras publicações de todas as regiões do mundo.

Onde as dificuldades económicas e sociais das comunidades rurais, costeiras e ribeirinhas aumentaram, durante as últimas décadas, como em alguns países na África e outras regiões do mundo, as evidências apontam para o aumento de casos de mulheres que participam activamente na pesca. As actividades de pesca das mulheres tendem a ser em pequenos cursos de água de rios, ribeiros, enseadas e lagos, mas também em áreas costeiras.

Os papéis das mulheres em actividades artesanais pós-colheita, tais como processamento, distribuição e comércio, são particularmente importantes nas comunidades ribeirinhas e costeiras onde não existem instalações adequadas para armazenamento ou congelamento. Os peixes e outros produtos da pesca são itens perecíveis e são as mulheres que executam o papel do comerciante 'intermediário' na maioria das sociedades onde as actividades religiosas não as impedem de trabalhar em público. As mulheres estão envolvidas na venda dos produtos após acrescentarem-lhe valor através das suas actividades de processamento, frequentemente em colaboração com as suas crianças.

As operações industriais tendem a redistribuir a matéria-prima a partir dos canais artesanais com os seus mecanismos de distribuição sociais e económicos, excepto onde o peixe industrial barato é ainda canalizado para mercados tradicionais organizados, como na Nigéria. Principalmente com a crescente introdução dos mercados globais e a pressão exercida pelo poder de compra dos consumidores ricos nas três maiores regiões de importação e mercados urbanos, a pesca artesanal em muitas regiões do mundo está a sentir a redução do papel tradicional das mulheres como processadoras independentes e vendedoras. Onde o abastecimento de matéria-prima justifica o acondicionamento ou o processamento industrial, as mulheres trabalham provavelmente como mão-de-obra em instalações industriais, como é o caso da Espanha, através da Gambia, do Canadá e do Chile para vários outros países Asiáticos e Pacíficos.

Uma característica comum, evidenciada em muitos estudos de caso apresentados durante a sessão de trabalho e na literatura, é que o trabalho feminino, bem como o seu papel social

embora substancial, **tende a ser invisível, desconhecido e não reconhecido**. O modelo de estratégias adoptado pelas mulheres é notavelmente semelhante em sistemas e graus sociais de desenvolvimento económico muito diferentes. Parece haver uma relação inversa entre o reconhecimento da contribuição das mulheres e o estado de conservação dos recursos, concomitante com uma negligência geral da saúde e produtividade dos ecossistemas a longo prazo, a favor do ganho a curto prazo.

Deste modo, o esforço extra das mulheres para manter os seus homens em actividades de pesca e as suas famílias alimentadas pode facilmente contribuir para a queda de poder de compra e possibilitar a sobre-pesca de um recurso já seriamente degradado que de outro modo poderia já ter sido abandonado como economicamente inviável. Frequentemente, como último recurso para assegurar o acesso ao alimento e/ou assegurar algum rendimento adicional, as mulheres vão pescar ou recolher mariscos na costa. Estes efeitos foram também caracterizados como ‘sobrepesca Malthusiana’. Contrariamente, as mulheres em alguns dos países asiáticos, como Bangladesh, Laos e Vietnam foram capazes de aumentar a segurança alimentar das suas famílias através da gestão de inundações ou de lagoas de aquacultura permanentes, principalmente onde lhes foi fornecido o apoio apropriado. Este não é, contudo, o caso geral.

3.3 Um novo tipo de relação com a natureza reinventando os papéis de conservação das mulheres?

O modelo que emerge das evidências sugere fortemente que as mulheres, apesar de sua associação anterior com a conservação e do seu papel predominante no cuidado com o seu ambiente humano e social, não podem reverter sozinhas tendências actuais de insustentabilidade na pesca e em algumas partes da aquacultura, se a lógica de prevalência extractiva em curto prazo não for quebrada. A combinação da capacidade excessiva da pesca e a ênfase na aquacultura de espécies carnívoras, com a negação do papel social das mulheres nestas actividades, exigem mais do que alguns estudos adicionais sobre os géneros. Além disso, a pesca ou os métodos de cultura destrutivos, que prejudicam a estrutura e a produtividade dos ecossistemas aquáticos a longo prazo, tendem a elevar significativamente certos tipos de operações industriais (comparado ao modo artesanal), onde a especificidade dos géneros é menos reconhecida.

Em sociedades de pesca tradicionais, havia uma divisão do trabalho, frequentemente com os homens a pescar e as mulheres a exercer o trabalho em terra, onde os homens e as mulheres tinham um papel na produção primária. No entanto, as mudanças tecnológicas e a elevada exigência do mercado modificaram a situação, e a pressão sobre os recursos aumentou muito. Neste modelo de desenvolvimento da pesca, os espaços das mulheres foram também reduzidos, e há frequentemente uma mudança de actividades exercidas por conta própria (na produção primária ou pós-colheita) por trabalho remunerado (como trabalhadoras em instalações de processamento de peixes, etc.).

Por conseguinte, seria apropriado dizer que onde as mulheres são socialmente reconhecidas e retêm os seus espaços na pesca, a pesca é menos susceptível de ser super-explorada (principalmente porque significa que a pesca não é intensa, orientada para a exportação, etc.). O nível de participação das mulheres no trabalho artesanal terrestre é, por outras

palavras, indicativo de uma pesca tradicional mais sustentável, desde que o número de pessoas envolvidas na pesca não compense em números absolutos as limitações sociais e tecnológicas características de tal pesca.

Além disso, como a maioria das pessoas envolvidas na pesca em pequena escala, homens e mulheres, se dedicam igualmente a outras actividades – as mulheres, por exemplo, na recolha de água e lenha, e os homens, por exemplo, na agricultura – a dependência directa dos vários ecossistemas é alta e a consciência das interligações sistemáticas é frequentemente aguda. A preocupação das mulheres com a sustentabilidade poderia ser mediada pela sua realidade material e pela sua preocupação de sobrevivência imediata. Contudo, a escala de degradação do ecossistema com o tempo pode nem sempre ser inteiramente óbvia para tais comunidades, dada a ausência de acesso a registos sobre o ecossistema acumulados durante longos períodos através de investigação científica, a síndrome da alteração do padrão de comparação (*the shifting baseline syndrome*).

Por outro lado, colocar os papéis sociais e económicos específicos das mulheres ‘no mapa’ de sistemas de contabilidade nacionais e em planos políticos e de desenvolvimento – pelo menos através da sua participação directa e activa - seria uma etapa importante para o reconhecimento dos seus papéis e para a criação de um importante potencial adicional para melhoramentos futuros e para a justiça social (Evans, 1992). Reconhecer os papéis dos géneros em conjunto com o crescente discurso público em gestão baseada nos ecossistemas ofereceria o efeito suplementar de alavanca para fazer as difíceis escolhas necessárias para a transição para uma relação reinventada de respeito entre as sociedades e a natureza, baseada na restrição. Isto aumentaria as possibilidades de implementação da restauração de ecossistemas e dos objectivos de áreas protegidas fixados para 2015 no Plano de Aplicação adoptado pelos Chefes de Estado e Governo no Encontro Mundial para o Desenvolvimento Sustentável (WSSD), em Setembro de 2002 em Johannesburgo, África do Sul. Neste contexto, é importante:

- Rever as políticas existentes de pesca e aquacultura sob as perspectivas do ecossistema, dos géneros e da governança;
- Estabelecer linhas de base históricas para ecossistemas costeiros, género e governança, para religar os desejáveis estados futuros ao passado;
- Identificar questões essenciais referentes ao papel de mulheres, homens e crianças em contextos específicos dos diferentes níveis de desenvolvimento e de economias industrializadas;
- Identificar e aplicar metodologias para executar investigações género-conscientes;
- Verificar como e em que extensão mulheres, homens e crianças participam nas indústrias de pesca e aquacultura, incluindo como podem contribuir para e beneficiar de medidas concretas para a restauração de ecossistemas degradados, tal como previsto pelo Plano de Aplicação WSSD;
- Desenvolver políticas e estratégias género-responsivas que facilitariam o progresso de mulheres, homens e crianças actualmente desfavorecidas através da sua participação na restauração de ecossistemas aquáticos degradados, incluindo redes de zonas protegidas a serem estabelecidas em 2012, para alcançar a sustentabilidade da pesca e da aquacultura;

- Identificar e aplicar métodos para desenvolver as ligações acima e abaixo (*the upstream and downstream links*) de actividade do sector de restauração através de estratégias de educação, formação, extensão e inovação apoiadas pelo investimento público e privado.

As perspectivas e abordagens acima enumeradas indicam oportunidades para a interacção intensificada entre investigação, gestão e particularmente homens e mulheres das comunidades de pesca e piscicultura em pequena escala, no contexto da mobilização de uma série completa de conhecimentos ecológicos, sociais, económicos e institucionais e de competências para acção segundo a ordem de trabalhos WSSD.

4. Orientações

Esta última secção propõe um conjunto de conclusões finais e de etapas práticas que procedem do material dos estudos de caso e da sua interpretação num amplo contexto histórico e sócio-político. Resume os pontos-chave e as oportunidades com particular ênfase para a cooperação científica e tecnológica internacional.

As contribuições apontam para a utilidade e mesmo necessidade de estratégias de participação dos géneros e desenvolvimento sustentável para a pesca e a aquacultura, que tenham em conta os papéis e as responsabilidades sociais de mulheres, homens e crianças. Tais estratégias reconhecem que, de modo a efectuarem a mudança a longo prazo na condição socioeconómica das mulheres, as acções e atitudes dos homens devem também modificar-se – através da integração dos géneros em cada aspecto dos planos de desenvolvimento sustentáveis e da implementação de abordagens de géneros e ecossistemas. Elas exigem trabalho activo com vista ao objectivo de restauração de ecossistemas fixado pelo WSSD e apoiado pela investigação científica, por um lado, e pela necessidade de um estilo participativo e reflexivo de gestão por outro.

- (a) É necessário considerar o género na pesca e na aquacultura **em contextos locais, nacionais, regionais e globais**. O alvo tem que estar nos cidadãos desfavorecidos.
- (b) **O Reconhecimento social** e o respeito por mulheres e homens, particularmente aqueles que não têm importante representação política, são vitais: A construção da consciência (para homens e mulheres) é necessária e os recursos precisam de ser distribuídos para isto. Os projectos de restauração e de desenvolvimento sustentável devem procurar maneiras localmente adaptadas de levar a cabo os objectivos globais, reconhecer os direitos das comunidades costeiras e abordar os papéis sociais e económicos levando em consideração os géneros. Os agentes e actividades de extensão precisam de tornar-se género-conscientes, serem implementados de uma forma participativa e estabelecer objectivos quantitativos e qualitativos para a participação de mulheres. O ensino, os media e outras fontes de informação devem ser mobilizadas com esse fim.
- (c) **Responsáveis políticos governamentais** colocaram os géneros nos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio e precisam de dar atenção à sua aplicação prática através da administração, principalmente em relação à pesca e à aquacultura. As plataformas de diálogo e os níveis crescentes de informação e consciência podem ser úteis no processo que cria um ambiente útil para o investimento público e privado no desenvolvimento sustentável género-consciente.
- (d) **Os projectos de investigação** sobre a utilização sustentável de recursos hídricos, biodiversidade, apoio à segurança alimentar, etc., deveriam ser desenvolvidos com uma perspectiva clara dos géneros e abordar os problemas do ponto de vista dos actores sociais, com particular ênfase nas condições específicas dos países em desenvolvimento. Conduzir uma investigação altamente participativa **umentará o**

seu impacto, permitindo que os cidadãos venham a desempenhar papéis activos na gestão dos recursos.

Passo-a-passo de uma abordagem para a inclusão dos géneros na investigação – Anne-Marie Hochet-Kibongui

O ponto de partida é identificar de forma compreensiva as tecnologias utilizadas tradicionalmente pelas mulheres na suposição de que estão a funcionar num dado contexto físico, geográfico e económico, e melhorados através da prática e da experiência. As percepções externas dos papéis das mulheres comparam frequentemente as esposas dos pescadores, que utilizam lenha para defumar peixes para aumentar o seu tempo de conservação, com destruidoras artesanais do meio ambiente. Contudo, isto dá uma falsa representação da realidade e das duras condições de vida das mulheres, que encorajam a utilização pouco parcimoniosa dos recursos ambientais, mas onde as forças estruturais como a ausência de títulos de posse da terra, de acesso a crédito e do reconhecimento social impõem práticas insustentáveis quando uma grande parte da população é envolvida.

É importante analisar profundamente os critérios de viabilidade apresentados pelas tecnologias em termos de contexto e objectivos, tais como:

1. Determinação de um ‘quadro contextual’ em relação ao
 - i. Ambiente geográfico;
 - ii. Ambiente económico;
 - iii. Ambiente social.
2. Identificação das tecnologias tradicionais incluindo
 - Descrição detalhada de cada etapa operacional (com duração e indicação dos recursos humanos exigidos); e
 - Tipos de produto (identificação, papel de cada produto para o consumo doméstico e rendimento monetário das mulheres pescadoras).
3. Os elementos da tecnologia corresponderão directamente às vantagens e obrigações mencionadas no quadro (#1):
 - Por exemplo: os peixes são limpos na praia e lavados com água do mar, uma abordagem que economiza água, transporte, etc.
4. As tendências evolutivas para cada uma das tecnologias apresentadas:
 - no passado e actualmente
 - análise: adaptação das tecnologias ao contexto corrente.

Aspecto particular desta metodologia de investigação

A elaboração do quadro exige a utilização do conhecimento acumulado pelas mulheres e outras partes interessadas, particularmente pelas mulheres mais experientes que trabalham na pesca ou na aquacultura em estudo, de forma a que elementos-chave funcionais sejam correctamente identificados e seguidos.

Os julgamentos de valor, que poderiam prejudicar a descrição objectiva do contexto, devem ser cuidadosamente evitados. A história de projectos passados (de desenvolvimento) dirigidos de fora da comunidade, é principalmente devida, ao facto de que várias restrições e oportunidades das tecnologias predominantes não são apreciadas na totalidade e que os ‘melhoramentos’ propostos do exterior comprometem outros aspectos. É conveniente executar algum teste em pequena escala com um número limitado de grupos antes de generalizar o quadro numa escala maior.

As mulheres devem ser postas numa posição de compreender que a sua especialização é garantida e procurada, que as suas práticas contêm mensagens importantes para outros, como que para superar uma legítima defesa muito exercida do tipo ‘nossas avó fizeram-no desta maneira, portanto nós fazemos a mesma coisa’. A abordagem pode ser aplicada a grupos de mulheres em culturas completamente diferentes que têm em comum uma preocupação com a actividade profissional no sector de pesca e aquacultura.

Etapas práticas adicionais para a cooperação dos ‘géneros e etapas para aplicar as resoluções WSSD sobre os ecossistemas aquáticos:

- Destacar o género em projectos e programas de cooperação científica internacional (a avaliação de sensibilização para as questões de género já faz parte do processo externo de avaliação no Programa–Quadro de Investigação da União Europeia (PQ), embora não seja um critério importante de selecção).
- Inscrever na base de dados dos especialistas (<http://www.cordis.lu/fp6/experts.htm>) e incentivar cientistas com experiência nas questões de género para se inscreverem, de forma a que experiência suficiente seja incorporada no processo de avaliação nos PQs da UE.
- Trazer tal experiência à atenção das instituições nacionais e internacionais, dos centros e programas de cooperação para o desenvolvimento para promover o trabalho interdisciplinar de acordo com as inter-relações das questões sociais, económicas e ecológicas.
- Oferecer apoio à investigação para o desenvolvimento e outras actividades de cooperação onde falta a especialização suficiente nas questões de género e procurar maneiras de melhor combinar a competência da ciência social com a investigação de ecossistemas de modo a apoiar a restauração da saúde e produtividade do ecossistema.

Cada um que trabalha na pesca e na aquacultura ou em assuntos relacionados pode avaliar as suas condições locais específicas, utilizando o guia passo-a-passo para tentar compreender activamente as condições das mulheres, reconhecer os seus papéis e ajudar a tornar acessível para elas a educação e outras oportunidades. A fim de apoiar as comunidades pesqueiras em pequena escala a reconstruir os ecossistemas aquáticos, dos quais depende a sua subsistência, o público deveria tomar acções conservacionistas através da recusa em comprar peixes que não alcançaram o tamanho para o qual foram reproduzidos (ver www.fishbase.org).

5. Referências:

- Adekanye, T.O., 1983. Rural Fish Marketing in Africa: Some Empirical considerations from Nigeria. *J.Rur.Dev.(Korea)*, 6(6):77-85
- Adekanye, T.O., 1989. The Role of Women in Nigeria Agriculture. Paper Presented at a workshop on Farm Management in Nigeria, held at Akure, Nigeria, 30p.
- Altieri, M.A., 1993 Agro-ecology - A new research and development: Paradigm for World Agriculture. *Ecosystem and Environment*, 27:37-46.
- Barbosa, S.R.D.C.S. & A. Begossi, 2004. Fisheries, gender, and local changes in Itaipu beach, Rio de Janeiro, Brazil: An individual approach. *Multiciência*, 2 (<http://www.multiciencia.unicamp.br>)
- Beattie, A., U.R. Sumaila, V. Christensen & D. Pauly, 2002. Ecological and economic aspects of size and placement of marine protected areas: A spatial modeling approach. *Natural Resource Modeling*, 15(4):413-437.
- Bennett, E., Rey Valette, H., K.Y. Maiga & M. Medard (eds.), 2004. Room for manoeuvre – gender and coping strategies in the fisheries sector. Report of a workshop held in Cotonou, Benin, 1-4 December 2003. INCO Contract No. ICA4-2002-50034, Portsmouth, IDDRA.
- Browne, P.B., 2002. Women do fish: A case study on gender and the fishing industry in Sierra Leone, pp. 169-174. *In*: Williams, M.J., N.H. Chao, P.S. Choo. K. Matics, M.C. Nandeesh, M. Shariff, I. Siason, E. Tech & J.M.C. Wong (eds.). Global symposium on women in fisheries. Sixth Asian Fisheries Forum, 29 November 2001, Kaohsiung, Taiwan. Penang, ICLARM -World Fish Center.
- Chavance, P., M. Bâ, D. Gascuel, M. Vakily & D. Pauly (eds.), 2004. Marine fisheries, ecosystems, and societies in West Africa: half a century of change. Proceedings of the Conference, Dakar, Senegal, 24-28 June 2002 / Pêcheries maritimes, écosystèmes et sociétés en Afrique de l'Ouest: Un demi-siècle de changement. Actes du Symposium international, Dakar, Sénégal, 24-28 juin 2002. Brussels, *ACP-EU Fish.Res.Rep.* (15) and Luxembourg, OPOCE, and Paris, IRD, 532 p. + annexes.
- Christensen, V., S. Guénette, J.J. Heymans, C.J. Walters, R. Watson, D. Zeller & D. Pauly, 2003. Hundred-year decline of North Atlantic predatory fishes. *Fish and Fisheries*, 4:1-24.
- Collet, S., 1991. Guerre et pêche: quelle place pour les sociétés de pêcheurs dans le modèle des chasseurs-cueilleurs? *Information sur les sciences sociales*, 30(3):483-522.
- Collet, S., 1992. De la fonction symbolique des femmes dans les économies halieutiques. *Anthropologie Maritime*, 4:181-194.
- Eisler, R., 1988. The chalice and the blade: Our history, our future. San Francisco, Harper, 304 p.
- Evans, A., 1992. Chapter 2. Statistics. pp. 11-40. *In*: L. Oestergaard (ed.). Gender and development. A practical guide. New York, Routledge.
- FAO, 2004. The State of World Fisheries and Aquaculture 2004 (SOFIA). Rome, FAO, 153 p.
- Froese, R., 2004. Keep it simple: three indicators to deal with over-fishing. *Fish and Fisheries*, 5:86-91.

- Froese, R. & D. Pauly, 2003. Dynamik der Überfischung, pp. 288-295. *In*: J.L. Lozán, E. Rachor, K. Reise, J. Südermann & H. von Wesernhagen (eds.). Warnsignale aus Nordsee und Wattenmeer – eine aktuelle Umweltbilanz. Hamburg, GEO, 448 p.
- ICSF, 2002. Gender and coastal fishing communities in Latin America. Workshop proceedings, Prainha do Canto Verde, Ceara, Brazil, 10-15 June 2000. Chennai, International Colletive in Support of Fishworkers, 149 p.
- Kumar, K.G. (ed.), 2004. Gender agenda. Women in fisheries. A collection of articles from *SAMUDRA* Report. Chennai, International Colletive in Support of Fishworkers, 91 p.
- Marugán Pintos, B., 2003. Estrategías laborales ante los desafíos ecológicos globales. *La Ventana*, 17:107-139.
- Marugán Pintos, B., 2004. Y cogieron ese tren. Profesionalización de las mariscadoras gallegas. Santiago de Compostela, Consellería de Pesca y Asuntos Marítimos, Xunta de Galicia.
- Meltzoff, S.K., 1989. Marisquadoras of the shellfish revolution: The rise of women in co-management on Illa de Arousa, Galicia.
- Milazzo, M., 1998. Subsidies in world fisheries: a re-examination. Washington, *World Bank Tech.Pap.*, 406:86 p.
- MPA News, 2002. International news and analysis about marine protected areas (with material about gender and MPAs). MPA News, Vol. 4 No. 5, Nov. 2002 (<http://depts.washington.edu/mpanews/MPA36.htm#gender>).
- Nauen, C.E., 1994. La participación de las mujeres latinoamericanas en el sector pesquero. Una cuestión estratégica, pp. 263-279. *In*: C. Tassara (ed.). Pesca artesanal, acuicultura y ambiente. Experiencia y perspectivas de desarrollo. Prefacio de Emma Bonino, Comisaria de la Unión Europea para la Pesca. Santafé de Bogotá, CISP-MOVIMONDO, realizado en colaboración y con el patrocinio de Ente Autónomo Feria de Ancona; Ministerio de Relaciones Exteriores de Italia, Dirección General para la Cooperación al Desarrollo, Comisión de la Unión Europea, Oficina de la Cooperación Italiana en Colombia.
- Neis, B. & B. Grzetic, 2000. From Fishplant to Nickel Mining: Policy Implications, Policy Development and the Determinants of Women' Health in an Environment of Work Restructuring within Fisheries and from Fisheries to Mining/Smelting in Newfoundland. St. John's, Memorial University of Newfoundland.
- Oestergaard, L. (ed.), 1992. Gender and development. A practical guide. New York, Routledge, 220 p.
- Pauly, D., 1995. Anecdotes and the shifting baseline syndrome in fisheries. *Trends Ecol.Evol.*, Vol 10:430.
- Pauly, D., 1990. On Malthusian overfishing. *NAGA – The ICLARM Quarterly*, 13(1):3-4.
- Pauly, D., V. Christensen, J. Dalsgaard, R. Froese & F. Torres, Jr., 1998. Fishing down marine food webs. *Science*, 279:860-863.
- Pauly, D., V. Christensen, S. Guénette, T.J. Pitcher, U.R. Sumaila, C.J. Walters, R. Watson & D. Zeller, 2002. Towards sustainability in world fisheries. *Nature*, 418:689-695.
- Sumaila, U.R., 1999. Economic analyses of fisheries impacts on food webs: pricing down marine food webs. pp. 13-15. *In*: D. Pauly, V. Christensen & L. Coelho (eds.). Proceedings of the EXPO'98 Conference on Ocean Food Webs and Economic Productivity. Lisbon, Portugal, 1-3 July 1998. Brussels, *ACP-EU Fish.Res.Rep.*, (5):87 p.

- Watson, R. & D. Pauly, 2001. Systematic distortions in world fisheries catch trends. *Nature*, 424:534-536.
- Williams, M.J., N.H. Chao, P.S. Choo. K. Matics, M.C. Nandeesha, M. Shariff, I. Siason, E. Tech & J.M.C. Wong (eds.), 2002. Global symposium on women in fisheries. Sixth Asian Fisheries Forum, 29 November 2001, Kaohsiung, Taiwan. Penang, ICLARM -World Fish Center, 209 p.
- Williams, S.B. & B. Awoyomi, 1998. Fish as a prime mover of the economic life of women in a fishing community. pp. 286-292. Proceedings of the IXth International Conference of the International Institute of Fisheries Economics and Trade (IIFET) held in Tromso, Norway, 8-11 July, 1996.
- Williams, S.B. & C.E. Nauen, 1998. Fisheries Economics and Trade in West African Region: A gender perspective. Department of Fisheries and Wildlife, University of Ibadan, Ibadan, Oyo State, Nigeria. *Journal of West Africa Fisheries*, Vol. VII:321-334.

6. Fontes seleccionadas da Internet:

Artisanal fisheries, gender and participation -

<http://www.multiciencia.unicamp.br>

Femmes dans la pêche et les cultures marines (CALENDA) -

<http://calenda.revues.org/nouvelle4258.html>

Fisheries and participation (Participatory Learning and Action) -

http://www.iied.org/sarl/planotes/pla_backissues/30.html

Gender and aquaculture: information needs and guidelines (FAO) -

http://www.fao.org/documents/show_cdr.asp?url_file=/DOCREP/x0180e/x0180e03.htm

Gender issues in aquaculture (DFID) -

<http://www.dfid.stir.ac.uk/dfid/gender/gender.htm>

Gender and food security (FAO) -

<http://www.fao.org/gender/>

Genero y pesca (La Ventana, Vol. 17) -

<http://publicaciones.cucsh.udg.mx/pperiod/laventan/volumens/ventana17.htm>

Global Symposium on Women in Fisheries -

http://www.worldfishcenter.org/Pubs/Wif/pub_wifglobal.htm

Marine Protected Areas (MPA) and gender - <http://depts.washington.edu/mpanews/MPA36.htm>

Mekong River Commission (MRC) gender and fisheries publications -

<http://www.mrcmekong.org> or e-mail: mrcs@mrcmekong.org

Mekong River Commission -

<http://www.mrcmekong.org>

Women in fisheries (ICSF) -

<http://www.icsf.net/jsp/english/pubPages/dossiers/dos07.jsp>